

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS PIRES DO RIO
CURSO DE HISTÓRIA

**SENTA AQUI NESSE BANCO E VAMOS OUVIR HISTÓRIAS/CONTOS
POPULARES DE PIRES DO RIO-GO (1970-1980)**

PAULO HENRIQUE CAVALCANTI DA SILVA
ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. MARILENA JULIMAR FERNANDES

PIRES DO RIO-GO
2017

PAULO HENRIQUE CAVALCANTI DA SILVA

**SENTA AQUI NESSE BANCO E VAMOS OUVIR HISTÓRIAS/CONTOS
POPULARES DE PIRES DO RIO-GO (1970-1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Pires do Rio como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Marilena Julimar Fernandes.

PIRES DO RIO-GO
2017

PAULO HENRIQUE CAVALCANTI DA SILVA

**SENTA AQUI NESSE BANCO E VAMOS OUVIR HISTÓRIAS/CONTOS POPULARES
DE PIRES DO RIO-GO (1970-1980)**

Monografia submetida à Comissão Examinadora como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Prof^a. Dr^a Marilena Julimar Fernandes (Orientadora)
Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Pires do Rio-GO

Prof^a. Ma. Liberalina Teodoro Rezende (Examinadora)
Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Pires do Rio-GO

Prof^a. Ma. Laiane Fernandes Jeronimo (Examinadora)
Instituto Federal Goiano-Câmpus Ipameri-GO

Resultado: _____

PIRES DO RIO-GO
NOVEMBRO-2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por ter me concedido a graça de estar durante estes quatro anos em uma universidade e ter realizado este trabalho.

A toda minha família, pelo apoio ao longo de minha jornada acadêmica: a minha mãe Joaquina, minhas irmãs Patrícia e Fabiana, minhas sobrinhas Allice, Ana Luisa, Júlia e Ana Rita, ao meu cunhado Aurélio.

Aos colegas de sala, que estiveram ao meu lado nesta caminhada acadêmica, pelo companheirismo, carinho e atenção; em especial, à Klaina Cristina, que colaborou imensamente nesta trajetória, agradeço por sua amizade.

Aos meus amigos, especialmente ao professor e historiador Geraldo Alves Júnior (*in memoriam*), que estimulou-me a voltar para a sala de aula.

Aos meus entrevistados, pela atenção, alegria e carinho de vocês por me receberem, especialmente ao Sr. Euclésio (*in memoriam*) que, mesmo estando muito debilitado, recebeu-me com aquela alegria contagiante. Saibam que foi primordial para minha pesquisa a fonte fornecida por vocês.

À professora Dra. Marilena Julimar Fernandes, que aceitou me orientar, compartilhou comigo conhecimentos e indicou caminhos, para que eu pudesse concretizar o trabalho proposto.

Às professoras Ma. Liberalina Teodoro de Rezende e Ma. Laiane Fernandes Jeronimo, que aceitaram o convite para compor a Banca Examinadora desta pesquisa. Com certeza, suas contribuições enriqueceram este trabalho.

Ao professor e amigo Me. Rubislei Sabino da Silva, pela amizade e material que me concedeu durante a realização desta pesquisa.

A todos os professores por terem compartilhado comigo um pouco de sua sabedoria e à Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Pires do Rio por ter sido palco da minha formação na Licenciatura em História.

Enfim, a todos que colaboraram, para que eu chegasse até aqui, agradeço imensamente.

“Passei a vida tentando corrigir os erros que cometi na minha ânsia de acertar.”

Clarice Lispector

LISTA DE SIGLAS

PROPIRES – União Piresina.....	24
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	24
VLI – Valor da Logística Integrada	25
RFSSA – Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima.....	26
CEPIF - Colégio Estadual Professor Ivan Ferreira.....	26

RESUMO

A presente pesquisa *Senta Aqui Nesse Banco e Vamos Ouvir Histórias/Contos Populares de Pires do Rio-Go (1970-1980)* problematiza se é possível perceber mudanças ocorridas na cidade de Pires do Rio-GO, nas últimas quatro décadas, a partir das memórias dos contadores de histórias/entrevistados, quais foram essas transformações e o que elas representam/representaram para os piresinos que viveram aquelas décadas. A fonte utilizada para responder a essa questão foi a oralidade, por isso, foram feitas entrevistas com moradores da cidade de Pires do Rio-GO, na faixa etária entre 40 a 90 anos, a fim de responder a problemática proposta. A partir dessas observações o trabalho foi organizado em dois capítulos: no primeiro discute-se os conceitos de memória e oralidade, tendo como suporte teórico Le Goff (1974), Montenegro (2010) e outros; no segundo, os dados coletados nas entrevistas foram selecionados e analisados, verificando as mudanças ocorridas na cidade e o que elas representaram para os moradores da cidade.

Palavras chave: Histórias – Memórias – Contação de Histórias – Pires do Rio

SÚMARIO

INTRODUÇÃO	8
1 ORALIDADE E MEMÓRIA	10
1.1 A Arte de contar história	10
1.2 O Resgate da história através da memória	12
2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA EM PIRES DO RIO – GO	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
LISTA DE FONTE.....	31
REFÊRENCIAS	32

INTRODUÇÃO

A escolha do tema deu-se a partir de um convite da professora Dra. Marilena Julimar Fernandes para participar, enquanto bolsista, do projeto de extensão “Histórias populares: uma viagem no tempo”. No referido projeto foram feitas várias entrevistas com moradores/contadores de histórias da cidade de Pires do Rio-GO¹ e como resultado foi confeccionada uma Revista/Anais, contendo as histórias contadas.

Durante a realização do projeto de extensão, foi possível notar um extenso campo a ser trabalhado e não poderia deixar que este trabalho sobre a sociedade piresina ficasse somente nestes contos da Revista. A partir de então, surgiu o interesse em dar continuidade à pesquisa em um projeto de Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Goiás-Câmpus Pires do Rio, cuja fonte principal é a oralidade por meio de entrevista com moradores da cidade de Pires do Rio-GO na faixa etária de 40 a 90 anos. A escolha dos entrevistados se justifica pelo fato do recorte temporal a ser estudado, que são as décadas de 1970 e 1980.

Durante o desenvolvimento do referido projeto de extensão, percebeu-se que esses contos já não fazem parte do cotidiano da sociedade piresina e muitos moradores, principalmente os mais jovens, não os conhecem. Pensando nisso, e para que não fiquem no esquecimento, este trabalho será de grande valia para gerações futuras, pois considera-se que estas histórias fazem parte da cultura² da cidade e precisam ser resgatadas. Pressupõe-se que, nas décadas de 1970 e 1980, a contação de histórias era uma forma de socialização, porque as pessoas se sentavam em rodas de conversas para ouvi-las, tanto na zona rural quanto na urbana.

Notou-se que em Pires do Rio-GO encontram-se inúmeras fontes a serem pesquisadas, ou seja, muitos(as) moradores(as) que já fizeram ou fazem parte destas narrações. Nesse sentido, a realização da pesquisa se justifica como uma oportunidade de resgatar, registrar e divulgar a história da cidade a partir dessas memórias. Para tanto, a problemática proposta para o trabalho foi verificar se é possível perceber mudanças ocorridas na cidade de Pires do Rio-GO, nas últimas quatro décadas, a partir das memórias dos contadores de histórias/entrevistados. Quais foram as transformações que aconteceram na cidade? O que essas mudanças representaram para os moradores de Pires do Rio?

¹ Pires do Rio GO é um município localizado no interior de Goiás, distante 142 Km da capital do estado e 250 Km do Distrito Federal, faz parte da região conhecida como Região da Estrada de Ferro. (Wikipédia).

² BURKER, Peter. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

A fim de responder à problemática proposta, utilizou-se a fonte oral por meio das entrevistas feitas com moradores da cidade de Pires do Rio-GO. Tal recorte deu-se a partir do desenvolvimento do projeto de extensão que possibilitou a percepção de que durante essas décadas a contação de histórias fazia parte do cotidiano³ de muitos moradores da cidade.

O trabalho final está estruturado em dois capítulos. O primeiro tem como objetivo discutir os conceitos de memória e oralidade por meio do aporte teórico dos autores Le Goff (1974) e Montenegro (2010), enquanto no segundo são analisadas, a partir das entrevistas, as mudanças que ocorreram na cidade de Pires do Rio-GO e o que elas representam/representaram para os contadores de histórias da cidade de Pires do Rio.

³ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

1 ORALIDADE E MEMÓRIA

Este primeiro capítulo tem como objetivo discutir a narrativa oral como experiência de reconstruir o conhecimento do passado, discutindo os conceitos de memória e oralidade, retratando os modos de vida e sociedades em diferentes tempos históricos, no qual o sujeito está inserido.

1.1 A Arte de contar história

O exercício de contação oral de histórias, na antiguidade, foi considerado uma atividade inferior a escrita e rejeitado pela sociedade. Mas, este contexto de rejeição do ato de contar história não impediu que se disseminasse, através do tempo, até nossos dias. Com isso determinou-se seu valor na construção de pensamento paralelo ao desenvolvimento da criatividade, imaginação e um aspecto interessante quanto ao trabalho com a emoção e o sentimento humano, possibilitando a valorização da memória e cultura.

Considera-se que a narrativa oral expressa experiências reveladoras e constrói conhecimento do passado. “A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas” (THOMPSON, 1992, p. 337). Assim, este capítulo terá como objetivo discutir os conceitos de memória e oralidade para, em seguida, utilizá-los no desenvolvimento do trabalho com os contadores de histórias da cidade de Pires do Rio.

Através da História oral é possível retratar as vivências, os modos de vida de diferentes tempos históricos e nas mais variadas sociedades, onde o indivíduo está inserido como sujeito no processo histórico. Nesse aspecto, é necessário que se constitua uma harmonia entre o contador de histórias e seus ouvintes, estabelecendo vínculo, pois o diálogo entre contador e ouvinte se concretiza através de palavras, gestos e ações.

O processo, em que os sujeitos estabelecem a comunicação pelos sentidos, ocorre de maneira natural e se torna eficaz. Este possibilita a continuidade através dos tempos, contribuindo para a evolução do aspecto oral e a associação entre o que é oralidade espontânea e a cultura de um povo. O contador com suas técnicas e gestos faz com que o ouvinte espere com ansiedade o próximo relato oral, reconhecendo os valores e a motivação de ouvir a narração. Para o autor (CRUIKSHANK apud FERREIRA e AMADO, 2001):

Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente a experiência subjetiva. Isso já foi considerado uma limitação, mas hoje é reconhecido como uma das principais virtudes da história oral; fatos pinçados aqui e ali nas histórias de vida dão ensejo a percepções de como um modo de entender o passado construído, processado e integrado a vida subjetiva de uma pessoa. (CRUIKSHANK apud FERREIRA e AMADO, 2001, p.156).

Nota-se que, os relatos orais possuem um poder de persuasão sobre o ouvinte, pois “a história oral pode ser entendida como uma parte da vida do passado que está sempre em movimento, mudando apenas ‘os atores’” (MONTENEGRO, 1994, p. 39). Ainda nesse sentido, “a história oral descobre a interiorização e a transformação da memória, comparando as relações entre o ontem e o hoje num processo de socialização” (MONTENEGRO, 1994, p. 39). Sobre essa socialização entre passado, presente e futuro, o autor relata que:

A história oral se descobre um processo de socialização de uma visão de passado, presente e futuro que as camadas populares desenvolvem de forma conscientes/inconscientes. [...] A descoberta e a apropriação da fala resultam num processo de interiorização e transformação do imaginário popular que se reconhece, que se redesenha em um outro lugar da sociedade. (MONTENEGRO, 1994, p.40).

A contação de história “conduz o ser humano a uma reflexão sobre as experiências individual e coletiva, que promove relações de tradições, valores, costumes numa prática cotidiana, numa reconstrução intelectual, ativando a sua memória e incentivando a narração de história” (BOSI, 1987, p. 09). Vale ressaltar que as possibilidades oferecidas pela história oral vão:

Desde a diferente forma de interpretar, formalizar uma leitura pessoal do mundo, até a compreensão da universalidade e fusão que a história oral constrói entre passado, presente e futuro, é diante dos relatos e contação de história, que o sujeito se torna capaz de construir um universo de sensações que o leva a instituir-se no presente, como indivíduo que se enriquece e enriquece seu mundo exterior, e por uma participação construtiva na história contada, faz transbordar para fora de si, um bleque de consideráveis maneiras de reproduzir o que lhe fora contado. (MATHEUS, n.d., p. 15).

Diante do exposto acima, é perceptível que a ligação entre o passado e o presente através de relatos durante a contação de histórias faz que o indivíduo reconheça as virtudes da história oral dentro de um processo integrado a vida da pessoa que relata. Sobre este aspecto, Ferreira e Amado (2000) explicam que:

Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente a experiência subjetiva. Isto já foi considerado uma limitação, mas hoje é reconhecido como uma das principais virtudes da história oral: fatos pinçados aqui e ali nas histórias de vida dão ensejo a percepções a percepções de como um modo e entender o passado é construído e processado e integrado à vida de uma pessoa”. (FERREIRA e AMADO 2000, p. 156).

Ao falar em fusão de tempo passado, presente e futuro e fusão de tempo e espaço, a questão de cabível explicação é a seguinte: “o que é contado, que chamamos de História Oral, está tão ligado ao processo de mudanças, quanto ao que chamamos de mito. É assim que chegam ao indivíduo, como referências de um passado acabado – mas também mudam, conforme muda o grupo” (MATHEUS, n.d., p. 12). A fusão, de acordo com autor:

Está no processo de continuidade de uma História Oral, ainda que contada com modificações, está também no momento em que o narrador expõe com maestria, seu próprio jeito de narrar: a história, a linguagem, seus personagens, os acontecimentos interligados constantemente ao tempo e ao espaço. (MATHEUS, n.d., p. 12)

De fato, o que determina a evolução da história oral é os elementos que a compõem, tais como: a história, a linguagem, seus personagens. Os fatos que interligam a história oral são passíveis de mudanças. Estando em conformidade com o tempo e o espaço, os outros elementos vão tomando formas diferentes. Para Ferreira e Amado (2000):

Da mesma forma, as versões das pessoas sobre seus passados mudam, quando elas próprias mudam. A mudança pessoal tende a ser muito mais imprevisível e de menor alcance do que a mudança coletiva, assim como, muitas vezes, mais consciente e desejada. A demanda de um indivíduo ao contar sua história, pode, muitas vezes, trazer tanto conformidade, quanto mudança, tanto coerência quanto amadurecimento. (FERREIRA e AMADO, 2000, p.298).

Sobre o ato de contar uma história, Portelli (2000, p.297) refere-se a ele como um “processo, em que está inserida a preservação do narrador do esquecimento, simultânea à construção da identidade do narrador, instituindo um legado para o futuro”. No processo de “contar estória”, o autor descreve a necessidade do narrador de recuperar-se do tempo, “com impulso contínuo da proposta de preservação do conto” (PORTELLI, 2000, p. 297). Muitos desses contos são preservados a partir das memórias, o que será discutido a seguir.

1.2 O Resgate da história através da memória

A memória é considerada por muitos estudiosos como um elemento importante na constituição da “identidade tanto individual como coletiva” (BURKE, 2000, p.70), pois estará

reconstruindo um dado fato histórico por meio da reconstrução de lembranças. O autor afirma ainda que, “lembram muito que não viveram diretamente. Um artigo de noticiário, por exemplo, às vezes se torna parte da vida de uma pessoa. ‘Daí pode-se descrever a memória como uma reconstrução do passado’” (BURKE, 2000, p.70).

Diante desse contexto de “reconstrução” do passado através da narração, utilizando a memória, pode-se afirmar que ambas possuem uma ligação íntima. Como afirma Le Goff (1994), “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1994, p. 477).

A memória é utilizada como instrumento para resgatar o passado e um recurso fundamental para a contação de histórias. Arte que sempre esteve presente no cotidiano dos homens, desde que começaram a se comunicar, repassando conhecimentos adquiridos na sua vida, compreendendo os fatos ocorridos e guardando em sua memória, recuperando a história vivida. Conforme afirma Pinto (2001):

[...] a memória recupera a história vivida, história como experiência humana de uma temporalidade, e opõe-se à história como campo de produção de conhecimento, espaço de problematização e de crítica. Na operação histórica, o passado é tornado exclusivamente racional, destituído da aura de culto, metamorfoseando em conhecimentos, em representação, em reflexão; na constituição da memória, ao contrário, e possível reincorporar a ele, passado, um grau de sacro, de muito. (PINTO, 2001, p.297).

A memória precisa ser estimulada por um ambiente motivador, a fim de que possa relembrar imagens, detalhes, compartilhando oralmente o fato que testemunhou. Desde a antiguidade, o ato de contar histórias tem possibilitado a partilha de atividades e de experiências entre pessoas mais velhas e crianças, enriquecendo a cultura literária oral da época, focalizando os mitos, conselhos e vivências, repassada de geração em geração. Destaque-se que, muitas pessoas têm potencial de memória de narrar e ouvir histórias, uma vez que, de acordo com Montenegro (2001):

A memória tem como característica fundante o processo relativo que a realidade provoca no sujeito. Ela se forma e opera a partir da reação, dos efeitos, do impacto sobre o grupo ou o indivíduo, formando um imaginário que se constituiu em uma referência permanente de futuro. (MONTENEGRO, 2001, p.19).

A memória tem o valor de relembrar lugares a partir de um ambiente estimulador e provocador, o qual reformula suas lembranças que constituíram o ensejo da presença do

ocorrido. O contador de histórias, segundo Montenegro (2000), resgata a tradição oral e ao mesmo tempo estimula a imaginação do ouvinte.

Sendo assim, o narrador primeiramente tem o resgate de uma memória visual, para em seguida expor oralmente sua lembrança. A história oral recupera através da memória, acontecimentos históricos, utilizando atores e lugares diferenciados. Ela com seu trabalho específico de recuperação pela memória estabelece procedimentos éticos que se deve seguir no momento da narração oral. De acordo com Rodrigues (2005), a cotação de história.

[...] é atividade própria de incentiva imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tornamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. [...] os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p.4).

É importante salientar que o hábito de contar e ouvir história, fazendo uso da memória, ajuda na formação de identidade, resgatando uma relação de troca de experiência dentro da bagagem cultural de quem conta e de quem escuta, propondo um diálogo entre diferentes estados emocionais dentro de sua vida concreta. Para Rodrigues (2005):

O resgate de um acontecimento narrado por meio da memória, torna-o uma testemunha de algo que aconteceu, seja no passado ou no presente, através de notícias ou documentários, ou por ter vivenciado, fixando assim suas lembranças das cenas do acontecido de acordo com esse relato de testemunha. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Ao provocar as lembranças pela argumentação da memória, aguça-se o imaginário⁴, que passa a ser narrado oral e gestualmente, transformando-se na vida real e produzindo uma versão de veracidade. Hindenoch (*apud* PATRINI, 2005) afirma que,

O contador é uma testemunha para mim de algo que vai acontecer. É um jogo que é preciso aceitar. Aceitar, nos deixa levar pela mentira. A arte do contador consiste antes de tudo em produzir uma versão, pessoal dos fatos que ele conta, é uma arte testemunhal. (HINDENOCH *apud* PATRINI, 2005, p.75).

É importante salientar que o hábito de contar e ouvir histórias ajuda na formação colaborativa da memória, resgatando uma relação de troca de experiência dentro da “bagagem cultural de quem conta e de quem escuta, propondo um diálogo entre diferentes estados

⁴ Sobre esse conceito ler: DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

emocionais dentro da vida concreta, sendo uma testemunha verídica do fato acontecido” (MONTENEGRO, 2005, p.31). Desta forma, Fentress e Wickhyam (1992) mencionam que “[...] a memória representa o passado e o presente ligados entre si e coerentes, neste sentido, um com o outro. [...]” (FENTRESS e WICKHYAM, 1992, p.39).

É possível afirmar que o contador de histórias expõe uma experiência, utilizando da memória para organizar a ordem dos fatos ocorridos, pois ele acredita que sua narrativa ajuda a compreender o presente vivido. Contar histórias, reviver o tempo que está sendo lembrado, é “uma troca de experiências coletiva, é poder refletir sobre o passado, o presente e o futuro” (SISTO, 2004, p. 41).

A memória produz o que lhe é motivado a relembrar, narrando os momentos guardados no subconsciente. O historiador ao propor compreender um acontecimento histórico a partir de testemunhas que presenciaram o fato, deve considerar alguns aspectos, segundo Montenegro (2010),

Relevantes imprescindíveis: em primeiro lugar, organizar estratégias que possibilitem um primoroso trabalho; de posse dessas estratégias, reconhecer o espaço em que será realizada a pesquisa e, especificamente neste trabalho, serão utilizados câmera fotográfica, filmagem e gravação. Em segundo lugar, o ambiente deve ser estimulador e tranquilo. (MONTENEGRO, 2010, p.42).

Para se obter uma narração, o historiador precisa produzir um ambiente de estratégias organizadas em união com a motivação e a tranquilidade. Organizando os recursos e o ambiente, o historiador deve criar um vínculo entre ele, a história em si e o contador. Este vínculo, conforme Montenegro (2010), torna-o um observador num ambiente favorável, estimulador e tranquilo, em que “o contador poderá exteriorizar sentimentos, pensamentos, com gestos e vozes harmoniosos de personagens, que fizeram/fazem parte deste conto” (MONTENEGRO, 2010, p.44). Para o autor, é neste espaço, neste momento, que o observador iniciará sua pesquisa.

Os contadores de histórias ao buscarem em suas memórias fatos guardados, podem apresentar lapsos por um tempo, mas logo pode retornar à contação de história. Ao conservar o passado de um indivíduo ou de uma comunidade, conserva-se e valida a fonte oral e a memória como elementos da história oral. Esta permite, de uma forma organizada, o conhecimento e compreensão de valores sociais, morais, religiosos e educacionais, revelando a capacidade que o contador possui de induzir o ouvinte.

Sobre esse assunto Cruiks (*apud* FERREIRA e AMADO, 2001, p.156) ressalta que “passa a revelar capacidade que o contador tem de persuadir, alcançando a compreensão

do ouvinte, intervindo no comportamento social atual, vinculando o presente ao passado, conforme afirma”. A memória constitui-se um elemento de grande expressividade, que fica oculta até ser aguçada, tornando-se penetrante dentro do processo de contar histórias. Nesse sentido, Bosi (1994) nos lembra que é

[...] arte performática, na qual se busca compartilhar vivências através da voz, do corpo e dos gestos, e estar sempre revelando um segredo... Narração de história de um determinado fato acontecido, faz com que os ouvintes revivam cada etapa contada e faz com que ele possa fazer uma comparação entre o que aconteceu e o que está acontecendo, o que implicará refletir que os acontecimentos ainda sobrevivem de maneira diferente, recompondo as qualidades esquecidas, valorizando o conhecimento transmitido, valorizando o coletivo, pois a memória é um cabedal infinito do qual só registraram um fragmento. (BOSI, 1994, p. 11).

Isto se justifica, de acordo com Montenegro (1994), pela escolaridade, pelas lembranças de sua memória trazidas de gerações passadas, as quais “são responsáveis pela contribuição sócio-político-cultural e religiosa, valendo-se desse fato, para construir elementos novos em seus contos, uma simbólica mensagem organizada em sua memória” (MONTENEGRO, 1994, p.39). A história oral organiza e reorganiza os fatos, para que sejam organizados para transmissão da mensagem. O autor enfatiza que “poder falar, reivindicar, discutir, defender ideias contrárias, ou mesmo se fazer notar, ocupar lugar entre as diversas falas é uma conquista das camadas populares através dos mais diversos processos de socialização” (MONTENEGRO, 1994, p.40).

A contação de história e as memórias se destacam dentro das fontes orais, trazendo uma reconstrução seletiva do passado de modo emocional, da qual o indivíduo participou. Sendo assim, a história oral, com seu trabalho específico de resgate pela memória, “ordena e estabelece procedimentos éticos que se deve seguir no momento da narração oral que nos faz entender que há uma constante evolução, reforçando sua identidade com experiências culturais” (POLLAK, 1992, p.202). Nesse sentido, o autor reforça que

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.203).

A narração da história de um determinado fato acontecido faz com que os ouvintes revivam cada etapa contada e façam uma comparação entre o que aconteceu e o que está acontecendo, o que implicará refletir que os acontecimentos ainda sobrevivem de maneira diferente. A história oral enriquece a reconstrução da memória dos mais diferentes

grupos sociais, na busca da interpretação do acontecimento do passado, podendo a memória escolher os acontecimentos no tempo/espaço, pois, é importante lembrar-se que a história oral.

No decorrer do tempo, muitas informações vão sendo descartadas, outras são elaboradas e substituem parte do que se perdeu. A oralidade é distinta da escrita e é por este aspecto que a cultura estabelece mecanismo, para que haja determinantes acrescentados a fim de renovar e dar sequência a novas formas de comunicação oral.

Para Portelli (2000), é fundamental a moldagem de como é contada a estória. É crucial considerar o momento em que é contada, pois o “tempo influencia as circunstâncias do relato, em termos de circunstâncias” (PORTELLI, 2000 p.299) A exemplo, numa entrevista para obter elementos de uma estória, observa-se que a memória de um idoso pode falhar, num esquecimento que transforma os detalhes e a estória em um relato bem diferente, de como se fosse contada por este mesmo entrevistado, “em outras circunstâncias, em que a nitidez da memória desse indivíduo estivesse preservada” (PORTELLI, 2000 p.299).

Contar histórias oralmente poderá ter como objetivo educar, instruir, considerado “como ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático e ajudando a resolver conflitos” (FARIA e GARCIA, 2002, p. 126), assim como “agradando a todos sem distinção de idade ou circunstância de vida” (MEIRELES, 2002 p.123). Se contadas pelos mais velhos, trazem um sentimento de recuperação dos acontecimentos passados, valorizando as raízes.

A contação de histórias aguça a curiosidade do ouvinte que vai construindo o contexto da história, conforme o que é sugerido pelo contador ao revelar as imagens do conto. Imagens reveladas “a partir das formas, cores, sons e sensações presentes no seu corpo” (BUSATTO, 2003, p.55). Sempre que ouve-se histórias, muitos são instigados a imaginar, criar e o contador terá a oportunidade de recriar um ambiente de resgate dos acontecimentos vividos.

De acordo com esse contexto, é possível afirmar que o contador de histórias expõe uma experiência, utilizando da memória para organizar a ordem dos fatos ocorridos, pois ele acredita que sua narrativa ajuda a compreender o presente que está vivendo. Contar histórias, reviver o tempo que está sendo lembrado, é uma troca de experiências coletivamente, é poder refletir sobre o passado, o presente e o futuro. Lembre-se que, a contação de história é uma arte tão preciosa como outros tipos de arte. Num contexto de narrar é necessário, primordial, uma interatividade entre narrador/ouvinte.

Nesse sentido, Berg (2015) nos lembra que:

Um compositor, na composição de uma música, canção ou hino, utiliza-se da palavra, da melodia, de notas musicais. E são estes elementos que aproximam tal autor do ouvinte e determinam o prazer de ouvir e entender o que é transmitido. Inerente à fala está a arte de interpretar personagens, inclui-se aqui, o teatro, que por si só, é forma de transmitir estórias ou a História. (BERG, 2015, p. 123)

Assim como, na construção de uma pintura considera-se que entre o artista e o observador está sua obra, o narrador precisa constituir uma interatividade entre ele e o ouvinte/observador - a narrativa. Ambas as situações artísticas, são relevantes,

Pois utiliza-se da linguagem, de códigos, a aproximação deste triângulo, pois é esta ligação interativa que torna a constituição da oralidade em constante propósito de resguardar a memória, de um indivíduo/sujeito, de uma comunidade/coletividade, de uma nação/proporção maior em que se interagem também/língua, mensagem, sociedade, passíveis, todas, de, ora mudanças, ora permanência de conceitos como: cultura, oralidade, expressão de linguagem, cultura e representações das artes como um todo. (BERG, 2015, p. 120)

Esta reflexão possibilita compreender as mudanças que ocorreram na cidade de Pires do Rio-GO a partir das memórias dos(as) contadores(as) de estórias, o que será discutido no próximo capítulo.

2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA EM PIRES DO RIO-GO

O presente capítulo tem como objetivo compreender a partir das memórias/entrevistas com alguns contadores(as) de histórias de Pires do Rio, as mudanças que aconteceram na cidade nas últimas quatro décadas.

A maioria dos contadores ou narradores de histórias da cidade de Pires do Rio são moradores antigos, pessoas que já não têm um trabalho contínuo e vivem de aposentadorias. A representatividade desses contadores ocorre, principalmente, segundo Montenegro (1994, p.38), “quando são vistos como responsáveis por uma divulgação oral” da história da cidade pelas lembranças que trazem de suas gerações passadas. “São responsáveis pela contribuição sócio-político-cultural e religiosa, valendo-se desse fato, para construir elementos novos em seus contos, uma simbólica mensagem organizada em sua memória” (MONTENEGRO, 1994, p.39). Portanto, as lembranças expostas durante a contação de história, promove uma ligação entre passado e presente da cidade. De acordo com o autor,

A história oral se descobre um processo de socialização de uma visão do passado, presente e futuro que as camadas populares desenvolvem de forma consciente-inconsciente. Entretanto, a aquisição da capacidade de falar, de se comunicar ideias é elemento determinante dessa historicidade. Uma historicidade de luta, de resistência, que, evidentemente, tem marcas de conformismo e repetição do status quo. (MONTENEGRO, 1994, p. 40).

As referências às ideias e à maneira de contar histórias são propagadas ao longo do tempo, proporcionando uma agradável participação como ouvintes aos que pesquisam sobre a história da cidade de Pires do Rio a partir da memória de seus moradores por meio de entrevistas com os mesmos. Nesse sentido, a pesquisa foi iniciada com a entrevista feita com o Sr. Euclésio Ferreira de Resende⁵, que nos relatou as mudanças que ocorreram na cidade de Pires do Rio, enfatizando que:

Vi o progresso chegar aqui... Cidade tranquila, crianças brincavam na rua sem perigo nenhum, a inocência delas era respeitada...Engraçado mesmo tendo contato diário com trem de ferro, toda vez que escutava o apito da locomotiva “Maria fumaça” que puxava vagões que eram ocupados com pessoas que viajavam, a estação ferroviária virara uma festa, muitas pessoas iam pra lá. As festas religiosas eram sempre respeitadas, as pessoas sabiam quando eram e ficavam na porta para saudar os festeiros. (Informação verbal)

⁵ *In memoriam*. Aposentado, 80 anos, nascido em 08/02/1936 e no ano de 2016 concedeu-nos a última entrevista realizada no dia 05/04/2016.

Na entrevista, percebeu-se que a cidade era tranquila, no que se refere em ser uma cidade interiorana e a maioria das pessoas conheciam. Elas se comunicavam e interagiam com a comunidade e a igreja. Isto fazia com que a população se tornasse mais participativa nas festividades religiosas. Os moradores eram unidos, quanto às congadas e a folias de reis, fazendo um elo com o fluxo de pessoas que passava pela cidade em viagem de trem de ferro.

Em sequência, posterior às décadas de 1950, 60 e 70 que se refere o entrevistado, a cultura da cidade de Pires do Rio ampliou-se junto com as mudanças atuais. Tornava-se comum que a religiosidade e a política inserissem nos festejos e comemorações diversos tipos de comercialização, que chamavam a atenção da sociedade para a participação através da compra de produtos que ela própria oferecia em leilões nas festas de Congados, Folia de Reis e Festas Juninas. O entrevistado lembrou também que:

Outro ponto que me recordo era as lendas do curral de ferro, as crianças que fossem lá pra brincar escutavam barulhos de gado que morriam durante a troca de um contêiner pra outro, e que durante a quaresma a mula sem cabeça ficava por lá. Lembro-me que havia um lugar que havia mangueiras e ficava bem na esquina que foram arrancadas para construir a Empresa de distribuição BRAHMA e logo após o Colégio MILÊNIO, lá durante as sextas na quaresma o lobisomem ficava lá esperando alguém para devorar, essa tradição era tão forte que quando o relógio batia dez da noite nenhuma pessoa saia nas ruas. (Informação verbal)

Ao mesmo tempo, o entrevistado comenta sobre atos e contos/lendas do passado que ficaram esquecidas/perdidas no tempo, enquanto falava sobre as histórias acerca das mudanças ocorridas na cidade. Sobre as “lendas” e crenças existentes, percebeu-se em seu rosto uma expressão de alegria, de saudade, além de um sorriso.

Nota-se que, o modo como Sr. Euclésio fazia o relato das histórias, pois durante anos apresentou e participou de desfiles cívicos, no respeito às tradições de um povo sertanejo. Isto também é justificado por sua habilidade de estabelecer elementos da sua história, uma primorosa ligação entre os fatos, por sua atenção às ocorrências socioeconômicas, religiosas, políticas e educacionais da cidade de Pires do Rio, em anos passados e atuais.

O entrevistado com certa tristeza no olhar relatou que:

Vi muitos comerciantes subirem e perderem tudo, o que chocou na época foi a morte do comerciante que era apelidado como Didico que possuía uma rede de supermercado e fatalmente foi atropelado por um trem de ferro pois não sair do carro que estava que por infelicidade apagou bem em cima da linha de ferro, foi muito triste ver seus filhos procurando e pegando os pedaços do pai a beira linha férrea. Mas então Pires do Rio era movida pela estrada de ferro. (Informação verbal)

A cidade de Pires do Rio é cortada pela malha férrea, acontecimento citado na entrevista acima. O fato é que, em certa época, a estrada de ferro movimentava a cidade; hoje, já não é um fator primordial, pois a cidade cresceu se “transformou”, vindo empresas, que geraram muitos empregos. Outra dimensão a ser destacada na entrevista do Sr. Euclésio diz respeito a sua preocupação com a cidade, o que pode ser explicada pelo seu trabalho de noticiários em jornais e programas de rádios, os quais tinham sua firme participação, além de ser seu trabalho oficial.

Parte da minha vida, trabalhei como radialista principalmente em noticiários, tais como: falecimentos e acontecimentos gerais da cidade como um todo. Mas que me alegrava mesmo era quando narrava uma partida de futebol. Durante anos fui cronista de um jornal local e de um programa sertanejo que me rendeu um apelido de Euclésio Sertanejo que carrego com muito orgulho. Fui conhecido por amedrontar crianças e adolescentes durante um tempo, por ser cronista e falar em uma emissora de rádio contos/mitos do que ouvia na minha juventude. (Informação verbal)

Dentro do mesmo enfoque sobre a contação de história de como era a cidade de Pires do Rio, a entrevistada Sra. Lucimar Balduino Rodrigues⁶ relata como se sente valorizada e importante pela possibilidade de contar histórias de sua vida, de sua cidade ao enfatizar que:

Hoje estou me sentindo importante, porque posso contar o que eu vivi no passado. Sabe, isso é muito importante, antigamente sentávamos e ouvia muitas histórias dos mais velhos, hoje, essa dádiva foi substituída por equipamento eletrônicos ou vários afazeres com amigos. (Informação verbal)

Observa-se certa tristeza na fala da entrevistada ao fazer referência às mudanças ocorridas na vida das pessoas a partir do uso de diferentes equipamentos eletrônicos. O que, de certa forma, “tira o que há de valioso na vida: as conversas, as histórias” (Informação verbal), as quais são substituídas pelas redes sociais. Ou seja, se antigamente as pessoas sentavam nas portas das casas ou nas praças da cidade para conversar, atualmente isso não mais acontece, pois a maioria das pessoas, principalmente os jovens estão envolvidas nas redes sociais por meio dos celulares, computadores, entre outras.

Nesse sentido, recorre-se a Portelli (2000), quando este explica que as formas de contar histórias são modificadas pela interação entre o historiador e a fonte. Acredita-se que essa interação tornou-se importante, para que a entrevistada se sinta confortável para narrar suas memórias.

⁶ 55 anos, nascida em 07/01/1962, servidora pública, concedeu uma entrevista no dia 26/03/2016.

A interação entre o historiador e a fonte cria uma forma completamente nova de contar estórias. Uma pessoa pode ter contado sua estória durante toda sua vida, mas talvez pode nunca ter sido solicitada a passar uma tarde inteira ou um fim de semana contando-a para um ouvinte profissional receptivo, embora talvez inquiridor. (PORTELLI, 2000, p.299).

Ao lembrar-se das conversas e histórias contadas pelos mais velhos, a entrevistada relata-as com nostalgia. Ao mesmo tempo, contextualiza tais histórias, localizando-as em seu tempo (passado) e em nosso tempo (presente). Continuando a entrevistada recorda que:

Nossa cidade era muito família, não havia atos violentos como vemos hoje. A praça central era um lugar onde a família podia ir com os filhos, jovens poderiam ir sem medo, era um ponto que sábado e domingo era cheio de famílias, adolescentes enamorados conversam, riam era tudo pacífico. (Informação verbal)

Em relação à dimensão da praça central, tiveram várias modificações, as quais os piresinos tomaram como afronta de poder semelhante aos atos de coronéis das décadas passadas, a saber: a fonte luminosa⁷, sofreu modificações mudando seus aspectos como águas de chafariz que jorravam para cima e eram coloridas e se movimentavam de acordo com som das músicas que eram tocadas. Hoje, a praça central tornou-se ponto de comércio com diversos quiosques e vendedores ambulantes, restando pouco resquício de seu formato original. Perdeu-se a característica de local de encontros e descontração de piresinos.

Outro tema levantado pela entrevistada diz respeito à política na cidade: “a política aqui era um tema tranquilo, pois só quem tinha poder, ou seja, só quem tinha propriedades enormes que ocupava a cadeira de prefeito, então pra mim não fazia diferença” (Informação verbal). Quando ela refere-se à política, mostra que não se manifestava politicamente. Em contrapartida, “já hoje não tem mais aquele amor pela nossa cidade, o espírito humano acabou, a política nestes últimos tempos vem para destruição da humanidade e desamor” (Informação verbal), demonstrando que tem uma visão bem descontextualizada acerca da política. Ou seja, principalmente por causa da tecnologia esse enlace afastou mais ainda as pessoas, principalmente em relação à política da cidade.

A entrevistada continua resgatando suas memórias, destacando que “gostava muito de ir à estação ferroviária, pois por lá passava muitas pessoas diferentes” (Informação verbal). A Estação Ferroviária de Pires do Rio, fundada no dia 09 de novembro de 1922, palco de encontros e desencontros, ficou desativada durante anos. Segundo o entrevistado Sr.

⁷ Fonte Luminosa, Lei 2.659 de 27 de junho de 2000, Lei de Tombamento registrado às Fls. 138v do Livro próprio, em 27/06/2000.

Paulo César Sampaio⁸, sua primeira revitalização ocorreu no período de junho a novembro de 2008, uma reforma realizada pela Associação União Piresina (PROPIRES).

Dois dias após sua inauguração que aconteceu em 09 de novembro de 2008, uma equipe do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Goiás procurou a Administração pública da época informando que todas as estações da região seriam restauradas e iniciariam por Pires do Rio, agradeceram o empenho da ONG (PROPIRES) que realizaram tal reforma, mas informaram que a mesma continuava descaracterizada. E em janeiro de 2009 já na gestão de um novo prefeito iniciou-se restauração que deve ter durado cerca de seis meses. (Informação verbal)

No que refere às mudanças da estação durante a reforma, havia um cômodo a mais que foi retirado por ter sido um acréscimo feito muito depois de 1922, algumas mudanças internas, mas voltou a aparência de sua origem, cores padronizadas⁹. O entrevistado enfatiza ainda que:

Um belo jardim foi adaptado à frente, o alambrado que cercava a estação fora retirado restauradas as janelas e portas. Plataforma passou a ter proteção. Degraus que estavam soterrados reapareceram, a iluminação muito adequada afastou do local os vândalos. (Informação verbal)

O local restaurado acolheu a Casa de Cultura de Pires do Rio, cuja nomenclatura homenageia a ex-prefeita de Pires do Rio, Sra. Maria Aparecida Marrasco Tomazini. O local, de acordo com Paulo Sampaio, hoje é um espaço reservado para realização de ações culturais.

Com o desenvolvimento nas áreas de música, artes plásticas e literatura. Oferece oficinas e cursos de viola, violão, teclado e canto. Dança (Hip Hop, Zumba, Dança do Ventre). Pintura em tela, pintura em tecido, bordados, crochê, é um espaço também destinado às manifestações Culturais, “Congados e Folias” e também um cartão de visita de pessoas que ali vão para matar a saudade ou reviver lembranças. (Informação verbal)

Conforme o entrevistado, o prédio hoje é do espólio da União e o município possui o uso do espaço, sendo responsável por sua manutenção e limpeza, enquanto as averiguações do estado físico do prédio são feitas em visitas semestrais realizadas por funcionários do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

⁸ Servidor Público, 49 anos, nascido em 23/09/1968, em entrevista no dia 28/06/2017.

⁹ Cores Padronizadas, segundo a diretora do Museu Ferroviário de Pires do Rio, Cláudia Maria de Paula, todas as estações ferroviárias são patrimônio do Iphan, e com isto segue normas estabelecidas de permanecer a mesma cor padronizada nas estações.

Anteriormente, os cômodos da estação eram usados pela empreiteira Valor da Logística Integrada (VLI) e ao se transferir para a Estação de Roncador entregou o prédio ao IPHAN.

Com sorriso nos lábios o entrevistado Paulo Sampaio¹⁰ enfatiza que “uma coisa que me lembro, que as crianças colocarem fios de cobre na linha de ferro para que o trem achatasse para usarem como pulseiras... coisas de crianças” (Informação verbal). Esse ato de colocar fios de cobre na linha férrea para usá-los depois como pulseira, demonstra que a falta de recursos aguçava a imaginação das crianças, numa época em que brinquedos e brincadeiras simples significavam momentos de muita diversão.

Referindo-se à ferrovia, especificamente sobre o Museu Ferroviário de Goiás¹¹, o entrevistado lembra que, “o museu hoje, que antes era a oficina do trem de ferro, retrata toda história de Pires do Rio, gosto de ir lá, me faz relembrar a cidade como era antes” (Informação verbal). Durante anos, este galpão, que abriga o Museu Ferroviário de Goiás, ficou abandonado após a transferência da oficina para a cidade de Araguari-MG, tornando-se alvo de vandalismo e andarilhos. Assim, foi decretada pela Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFSSA) a demolição do galpão, o que não aconteceu, pois, o escritor Jacy Siqueira foi o idealizador do tombamento do prédio para ali funcionar o Museu Ferroviário de Goiás.

Paulo Sampaio rememora também as festas religiosas, destacando a dos Santos Reis, que acontecia/acontece no mês de junho:

Todas as pessoas aqui sempre respeitaram as festas religiosas. Na festa de Santo Reis a população ficava na porta esperando os festeiros passarem cantando e dançando, mas as crianças sempre ficavam escondidas, pois as crianças desobedientes que estivessem na porta ou na rua eram levadas pelas pessoas vestidas de palhaços¹² e eram chicoteadas. Claro que era tudo lenda, era uma maneira que os pais achavam para que as mesma tivessem respeito. (Informação verbal)

Em se tratando destas festas culturais, ressalte-se que os foliões conduziam as bandeiras durante os atos religiosos, promovendo as comemorações com empenho, resgatando os valores culturais e tradicionais. Com isto, a população era mais assídua em relação à religiosidade, tanto que as crianças tinham mais respeito por esta manifestação cultural. Não se sabe com certeza se era por medo dos palhaços, porque os pais comentavam das chicotadas, se era por falta instrução. Todavia, essa cultura não ficou no esquecimento,

¹⁰ Servidor Público, 49 anos, nascido em 23/09/1968, em entrevista no dia 28/06/2017.

¹¹ Museu Ferroviário de Goiás, o espaço que hoje abriga o museu, era a oficina utilizada para manutenção das locomotivas a vapor.

¹² Palhaços, pessoas que se vestem de fantasias semelhantes aos palhaços de cavalgadas e congadas.

posto que, atualmente ela resiste, embora o medo dos palhaços já não seja tão evidente, ao contrário, a maioria das crianças os adoram e se divertem com eles.

A entrevistada Sra. Lucimar Balduino Rodrigues aponta outra questão que diz respeito a sua infância na cidade de Pires do Rio, ressaltando que, “na minha época era pura inocência, pois, muitos adolescentes iam para o famoso “Burrinho” que hoje é o lago criado pelo ex-prefeito Gude. Lá adolescentes tomavam banho, brincavam e não havia perigo nenhum (Informação verbal).

Os comentários da entrevistada podem ser considerados como pensamento de muitos moradores antigos de Pires do Rio. Naquela época, a cidade era pacata e poucos fatos de violência ocorriam. Um fator de grande importância, pois as crianças e os jovens podiam se divertir com passeios, piqueniques nos finais de semana e durante as férias. O perigo de contaminação dos locais era quase mínimo, o que não comprometia a saúde da população.

Sobre a história de Pires do Rio, mais uma vez a questão da ferrovia veio à tona na fala da entrevistada a Sra. Maria Terezinha Silva¹³. Ela relatou que “Pires do Rio, cidade da estrada de ferro, cidade que vi crescer... Gosto muito dessa frase porque as vezes me sento aqui na varanda e fico lembrando como era antes do progresso¹⁴” (Informação verbal). Em seu depoimento fica evidenciado que a população piresina sentia-se segura e esperava grande evolução da cidade. Por outro lado, não estava preparada para o crescimento sem ser atingida pelos fatores que comprometessem a pacata vida social: a violência, a economia e religião em toda sua diversidade.

É importante ressaltar que o surgimento de Pires do Rio ocorreu simultaneamente com a construção da estrada de ferro. Deste modo, nota-se que a entrevistada gosta muito da cidade, esclarecendo ter presenciado “pessoas mudando daqui, outras vindo morar aqui. Minha mãe sempre falava que quem bebe da água daqui, sempre volta e hoje creio que é verdade muitos que mudaram voltaram mesmo depois de idosos” (Informação verbal).

Analisando a fala da entrevistada, é perceptível a expressividade de um sentimento de amor, de como era bom viver nessa cidade. Muitos eram amigos e, quando alguém mudava para outras localidades em busca de crescimento econômico ou profissional, muitas vezes acaba voltando, pois não encontrava a receptividade encontrada aqui. O sentimento em relação à cidade fica claro em outro momento da fala da Sra. Maria Terezinha Silva, quando lembra de lugares, como a praça central, a qual marcou sua juventude: “a praça

¹³ Aposentada, 80 anos, nascida em 29/03/1937 e concedeu a entrevista no dia 30/03/2016.

¹⁴ Progresso é sobre a transferência da venda do Roncador para a cidade de Pires do Rio e com ela a vinda da ferrovia, que vieram juntos. Sobre esse assunto ler: SIQUEIRA, Jacy. **Um Contrato Singular – E Outros Ensaios de História de Goiás**. Goiânia: Kelps, 2006

central, hoje considerada um ponto turístico, era um lugar mágico aonde pessoas iam para se alegrar, especialmente no domingo depois da missa na matriz” (Informação verbal). Ainda segundo a entrevistada:

Sempre no mês de setembro começam os ensaios das fanfarras das escolas se preparando para o desfile que começava em frente a prefeitura municipal e passava pela praça central, na verdade era um show de disputa qual escola tinha mais preparo para desfilar e após o show das escolas pra fechar o encantamento vinha o desfile da polícia militar, era muito fantástico, sem palavras. E do mesmo jeito acontecia no aniversário da cidade. (Informação verbal)

Analisando sua fala, é possível emocionar-se, pois, é com muito carinho que recorda-se da infância, dos preparativos dos desfiles cívicos de Pires do Rio, que eram lindos. Recordando-se do Colégio Estadual Professor Ivan Ferreira (CEPIF), diz que cada escola tinha carros alegóricos e fanfarra, cujo vestuário era luxuoso, sendo a mais aplaudida ao desfilar. Não se pode deixar de salientar que, por mais de quinze anos, este ato cívico não acontecia. No entanto, em 2017, a atual gestão municipal com o apoio da prefeitura realizou o desfile na cidade.

Outro lazer aos domingos, que reunia torcedores piresinos e das cidades da região, era o futebol. No entanto, relata a entrevistada Maria Terezinha Silva com um semblante triste:

Ah, outro lazer que movia as pessoas no domingo à tarde eram os jogos de futebol que aconteciam no campo onde hoje é o poliesportivo, times de bairros, de cidades vizinhas, entre outros. E quando surgiu o time do Pires do Rio, as pessoas se mobilizavam para ir ver, era uma felicidade. Infelizmente tudo acabou! (Informação verbal)

Sobre os espaços de lazer que existia na cidade, a entrevistada¹⁵ comenta que “lembro também do mercado onde tinha várias bancas de verduras cada uma de um dono diferente e que no domingo todos iam vender verduras na feira, era uma tradição” (Informação verbal). O Mercado Municipal, conhecido como a primeira rodoviária de Pires do Rio, foi palco de encontros e desencontros de fazendeiros para pequenos e grandes negócios. Paralelamente, com banquinhas de verduras, frutas e utensílios rurais nas décadas de 1980 e 1990 até fim do século XX. Hoje, os feirantes dentro do mercado quase não existem mais, pois há uma frutaria e supermercado de grande porte. Embora, ainda existam os

¹⁵ Entrevistada no dia 04/03/2017

encontros de fazendeiros na praça do Mercado Municipal, pequeno fluxo de ônibus (ponto de chegada e saída de passageiros).

Continuando a entrevista com a Sra. Terezinha Rodrigues Brandão foi possível perceber que, por várias vezes, seus olhos se enchiam de lágrimas. Nestes momentos interrompia rapidamente a fala, demonstrando saudade e emoção. No entanto, com certo encantamento e devoção disse que, “na quaresma havia uma tradição que eu sigo até hoje que dez horas da noite as casas eram fechadas e ninguém saía nas ruas era tipo uma ordem de recolhimento, pois seres como lobisomem, mula sem cabeça entre outros apareciam” (Informação verbal), Enfatizando que “as congadas¹⁶ [...] era lindo aqueles ternos desfilando pelas ruas e o interessante era que todos para passarem na linha de ferro passavam de costas porque senão não conseguiam ultrapassar. Tudo na cidade era movido pela a magia da inocência” (Informação verbal).

A saudade, a emoção e o sentimento demonstrados durante a entrevista é notável e contagiante, pois, cada momento lembrado pela entrevistada é uma viagem para o interior de cada fato. O mesmo acontece com a entrevista realizada com a Srs. Terezinha Rodrigues Brandão¹⁷, que relata com saudade “os tempos que não voltam mais” e sua indignação com o “progresso que trouxe atos violentos e seres humanos sem amor” (Informação verbal).

Escuto hoje muitas pessoas dizerem que Pires do Rio, não é aquela cidade pacata, calma, onde todos se conheciam, todos se ajudavam. Não existia maldade nos corações humanos. Podíamos deixar as portas e janelas abertas e sair, pois quando voltávamos estava tudo do mesmo jeito. Ninguém roubava o próximo, existia a fidelidade e a honestidade. (Informação verbal)

É perceptível que existia um ato de cumplicidade entre os moradores, todos se ajudavam. Ela continua dizendo que, “quando meus filhos ficaram adolescentes, gostavam de ir na praça, ir em festas e iam sem medo [...] Jovens hoje, participam de festas até amanhecer, se drogam, se embebedam, se prostituem entre outros horrores” (Informação verbal). E, por um instante, a entrevistada parou, olhou fixo para baixo, encheu os olhos de lágrimas, respirou fundo e com a revolta estampada no seu olhar, mencionou: “sou uma avó que perdeu um neto para as drogas, que acabou sendo morto por causa de dívidas com traficantes”. (Informação verbal).

¹⁶ Sobre esse conceito ler: Silva, Sandra Inácio da. **A congada em Pires do Rio e Catalão** [manuscrito]: uma manifestação cultural/ Sandra Inácio da Silva. – Goiânia, 2016.112 f.: il.; 30 cm - Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História, Goiânia, 2016.

¹⁷ 80 Anos, nascida em 07/04/1937, aposentada, moradora do bairro Vila Nova em Pires do Rio-Goiás, entrevistada em 04/03/2017.

Após esse desabafo, a entrevistada pediu um tempo para lavar o rosto. Logo em seguida, voltou, mudou de assunto e expôs que Pires do Rio foi uma cidade marcada pela humildade e inocência das pessoas, seus habitantes.

Tudo era realizado em conjunto, quando a Maria Fumaça buzina três vezes, era sinal que estava saindo, para levar pessoas para outras cidades, mas antes de chegar em nossa cidade escutávamos a buzina ao longe, aí era uma festa, pois os cidadãos piresinos saiam correndo para estação para dar boas vindas para quem estava passando ou chegando. Era simplesmente fantástico. (Informação verbal).

De acordo com Bosi (1987, p.21), “as lembranças do passado nos fazem refletir sem o trabalho da reflexão e da localização uma lembrança seria uma imagem fugidia”. Nas histórias contadas pelos entrevistados transpareceram sentimentos de saudade, pois havia uma significativa cumplicidade e interação entre as pessoas. Um tempo, que deixou saudades, interrompido pelas mudanças ocorridas na sociedade, as quais devastaram a calma da cidade de Pires do Rio, como acontecera em diversas outras cidades do Estado de Goiás com a chegada da ferrovia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso sobre histórias populares, cujo título é “Senta aqui nesse banco e vamos ouvir histórias/contos populares de Pires do Rio – Go (1970-1980)”, percebi que esses contos já não faziam parte do cotidiano da sociedade piresina, principalmente dos mais jovens que não os conheciam. Pensando nisso, para que não fiquem no esquecimento fatos marcantes da cultura da cidade de Pires do Rio-GO e sejam resgatados, foram realizadas entrevistas com moradores que viveram os anos de 1970 a 1980.

Dos aspectos mais importantes a respeito da prática de contação de história na cidade de Pires do Rio-GO, o que é primordial para esta monografia, é a maneira como os contadores de história relatam os acontecimentos, contribuindo para que este processo possa ser, resgatado para as gerações atuais e futuras. Segundo Pelosi (2016).

A possibilidade de formalizar a socialização, a reprodução oral, a constituição e a reconstituição de simbologias e a representatividade da linguagem que compõe todo esse processo aventureiro de criar e contar, pois na atualidade, a aplicação da história oral é um importante instrumento nas ciências humanas e sociais. (PELOSI, 2016, p.22).

No presente trabalho buscou-se analisar alguns acontecimentos, que ajudaram na construção da pesquisa envolvendo História Oral, memória e seus conceitos, possibilitando a ampliação de novos problemas, objetos e temas a serem investigados, os quais estão explanado no primeiro capítulo. Inspirando-se em autores da História Cultural, procurou-se colher os traços, os registros do passado, revelar detalhes, evidenciar atores antes secundários e, porque não, construir novas fontes, combinando as peças para montar um quebra-cabeça com sentido.

Diante dessa combinação de peças culturais enfatizando história oral e memória, foi realizado durante a pesquisa, entrevistas com pessoas antigas da cidade, que vivenciaram as mudanças pelas quais a cidade de Pires do Rio passou ao longo dos anos, relatando fatos importantes que ficaram gravados em suas memórias. Ficou evidenciado, durante as entrevistas, um sentimento de saudade das socializações, que haviam e foram interrompidas pela chegada das tecnologias.

Durante as entrevistas, ficou evidente que, cada entrevistado ao relembrar, contar o que viveu e presenciou se enchia de saudades, olhos de água lacrimejavam, provocando

interrupções na fala do outro, como paradas e suspiros. Mas, em nenhum momento, pediram para parar, mas, ao contrário se empolgavam com sorriso e se sentiam importantes ao participar deste trabalho, o qual tem o intuito de resgatar a contação de história populares. Acredita-se que os objetivos propostos para a pesquisa foram alcançados, mas fica a critério de outros historiadores, caso tenham interesse em dar continuidade aos contos populares da cidade Pires do Rio-GO, a oportunidade e o encaminhamento para a realização de outras pesquisas.

O término de uma pesquisa leva o historiador/pesquisador a refletir de uma maneira diferenciada sobre o valor que a história popular possui. Ao se resgatar histórias contadas por pessoas que vivenciaram determinados acontecimentos históricos, podendo elaborar questionamentos referentes ao tempo a ser pesquisado e que na realidade assemelha muito ao tempo presente.

A partir desta pesquisa foi possível perceber que, que ocorreram muitas mudanças na cidade de Pires do Rio e que os entrevistados, falam a respeito desta mudanças com muito saudosismos.

LISTA DE FONTE

Oral:

- Maria Terezinha Silva, 80 Anos, pensionista, Centro, Pires do Rio – Goiás.
- Paulo César Sampaio, 49 Anos, servidor público, Centro, Pires do Rio – Goiás.
- Euclésio Ferreira de Rezende, 80 Anos, radialista aposentado, Bairro Sampaio, Pires do Rio – Goiás (*in mememoriám*)
- Lucimar Balduino Rodrigues, 55 Anos, servidora pública, Bairro Senhor Nogueira, Pires do Rio – Goiás.
- Terezinha Rodrigues Brandão, 80 Anos, aposentada, Bairro Vila Nova, Pires do Rio – Goiás.

REFEÊNCIAS

- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 3ed. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2000
- BOSI, Ecléa: **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**: 2ed.: São Paulo: T.A. Queiroz: Editora Universidade de São Paulo, 1987.
- BERG, Silvia Maria Pires Cabrera As canções Oração para Aviadores e O Amor e seus processos composicionais. In: DUTRA, Luciana Monteiro de Castro Silva e PEREIRA, Marcus Vinicius Medeiros. (Org.) **Anais do IV Seminário da Canção Brasileira da Escola de Música da UFMG**. Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG, 2015.
- BURKE, Peter. “História Como Memória Social”. In: **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BUSATTO, Cléo. **Contar & encantar: Pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- FARIA, Hamilton; GARCIA, Pedro. Arte e identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário. In: _____. **O reencantamento do mundo: arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário**. São Paulo: Polis, 2002.
- LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- MATEUS, Ana do Nascimento Biluca. (et al). **A Importância da Contação de História Como Prática Educativa na Educação Infantil**. Disponível no site: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/8477/7227>>. Acesso em 10/08/2017.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória**. São Paulo: Contexto, 1994.
- MONTENEGRO, Antônio. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.
- PELOSI, Ana Cristina. **Literatura, Linguagem e mídia: convergências e cenários**. Org. Águas de São Pedro: Livro Novo, 2016.
- PORTELLI, Alessandro. “O Que Faz A História Oral Diferente”. In: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**, n.14. São Paulo: Letra e Voz. 1997.
- _____. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral”. In: **Revista Projeto História**. N. 15. São Paulo: Educ, 1997.
- THOMPSON, Paul. **História oral: a voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.